CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
DO CINEMA DE ESTADO AO CINEMA FORA DO ESTADO: ANGOLA
18 de novembro de 2024

PRISONER OF HOPE / 2016

Um filme de FRADIQUE

Realização: Fradique / *Direção de fotografia*: Ery Claver / *Música*: DZZZZ Band, Nástio Mosquito / *Letra*: Nástio Mosquito / *Arranjo*: DZZZZ Band - Ndu, João Gomes, Hugo Antunes, Nástio Mosquito / *Mistura*: Zé Nando, Meifumado Records / *Direção de arte*: Tchiyna Matos / *Maquilhagem e guarda-roupa*: Sandra Zombo / *Com*: António Sande (Companhia de Dança Contemporânea de Angola), Armando Mavo (bêbado, Companhia de Dança Contemporânea de Angola).

Produção: Geração 80 / *Produtora*: Paula Agostinho / *Assistência de produção*: Clemento Basílio / i: Cozinha da Verena / *Cópia*: Digital, cor, cantado em inglês, não legendado / *Duração*: 5 minutos / *Primeira apresentação na Cinemateca*.

OXALÁ CRESÇAM PITANGAS – HISTÓRIAS DE LUANDA / 2006

Um filme de ONDJAKI, KILUANJE LIBERDADE

Realização: Ondjaki, Kiluanje Liberdade / *Direção de fotografia*: Inês Gonçalves / Captação de som: Kiluanje Liberdade / Montagem: Maria Joana / Montagem de som: Inês Oliveira, Elsa Ferreira / Genérico e Design: Atelier Henrique Cayatte / Com: Keita Mayanda Revú, José Luís Mendonça, Joel Dorivaldo, Indira Mateta 'Olissassa', Catarina da Costa 'Manucha', Cornélio Caley, Francisco Luís Adão 'Chicão', MC K, Leonardo Wawuti, Irmã Domingas

Produção: Kiluanje Liberdade – KLIG, Ondjaki (Angola, Portugal, 2006), com o apoio institucional do Governo Provincial de Luando, Polícia Nacional de Angola, IACAM, Associação Cultural Chá de Caxinde, Sector Cultural da Embaixada de Angola em Portugal e apoio da SOMOIL (Sociedade Petrolífera Angolana), A. Pimenta, Atelier Henrique Cayatte, Tobis Digital / Cópia: Betacam, cor, falada em português e umbundo / Duração: 63 minutos / Primeira passagem na Cinemateca.

Com a presença de Ery Claver.

Como explica o último cartão do genérico de fim de **Oxalá Cresçam Pitangas**, o título corresponde a uma estrofe de um poema de António Gonçalves no livro *Buscando o Homem* (2000). É, a todos os níveis, um título auspicioso, que se impõe como um desejo de prosperidade. A pitangueira é uma árvore de origem brasileira que terá sido introduzida aquando das transações comerciais e culturais produzidas pelas navegações portuguesas do século XVI. Existe, por exemplo, no arquipélago da Madeira, um pouco por toda a América do Sul e Central e em alguns (poucos) pontos do continente africano. Existem pitangueiras em Angola, contudo a sua fruta (uma bagas vermelhas) é muito frágil já que, quando madura, não aguenta o transporte (não tendo por isso valor comercial). Daí que a pitanga seja um fruto paradoxal: é simultaneamente rara (no continente africano) e ordinária (enquanto mercadoria). Assim, o título, catrapiscado ao dito poema, tem uma forte conotação sociocultural: a pitanga é decorativa, é guloseima e é medicamento (da gota à dor de cabeça, várias são as suas propriedades), e é-o sempre enquanto fruta tão especial quanto corriqueira. "Oxalá cresçam pitangas" expressa um desejo de saciedade, mas sem luxo nem ostentação; uma saciedade popular, espontânea e rebelde (como uma erva daninha). Eis, portanto, a expressão perfeita do olhar dos realizadores (o escritor Ondjaki e o cineasta Kiluanje Liberdade) sobre a cidade de Luanda, daí o subtítulo. Porém, este retrato faz-se num momento muito particular, quatro anos após o fim da Guerra Civil Angolana em 2002, quando a capital do país ganhava um enorme dinamismo humano. "Oxalá cresçam pitangas" é, pois, um repto à *paz* e ao *progresso* de um país assolado por mais de quatro décadas de guerra (13 anos de guerra da independência e 27 de guerra civil). Isto é, *oxalá haja beleza, satisfação e saúde*. E que tudo seja fresco e silvestre.

Se **Oxalá Cresçam Pitangas** tem, logo a partir do título, esta enorme fecundidade de sentidos, a abordagem dos realizadores coincide com um momento de transformação da própria prática

documental – momento esse que, medidas as devidas distâncias, comunica com a transformação social do país (sendo, por isso, o meio ideal para retratar esse frémito "sem regas" de uma nos sociedade pós-colonial que se descobre, por fim, em tempos de paz). De facto, se Ondjaki é mais conhecido pela sua obra literária (ainda que, recentemente, em 2022, se tenha estreado como realizador *a solo* com **Vou mudar a cozinha**, um filme de natureza teatral que continua a esmiuçar as sequelas da guerra), Kiluanje Liberdade está muito mais próximo do "movimento do novo documentário" que marcou o final dos anos 1990 e o início dos anos 2000 em Portugal. O realizador estudou Ciências da Comunicação na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em 2003, momento em que, a partir desse polo, se organizava uma renovação da prática documental. Foi assistente de realização de Teresa Villaverde no documentário dedicado à figura e à obra de Pedro Cabrita Reis, **A Favor da Claridade** (2004), e corealizou com Inês Gonçalves (com quem colaboraria por mais de uma década) e Vasco Pimentel o importante **Outros Bairros** (1998), sobre as vidas da diáspora africana nos subúrbios de Lisboa. Deste modo, é impossível olhar para **Oxalá Cresçam Pitangas** e não identificar as marcas do movimento do "novo documentário", de tal modo que, em certa medida, o filme de Ondjaki e Kiluanje Liberdade parece responder (noutra terra e noutro contexto, mas no mesmo tempo e com a mesma abordagem) a **Lisboetas** (2004), de Sérgio Tréfaut. Isto porque a estratégia observacional, a abordagem crua do vídeo e a montagem coral são, em grande medida, análogas.

O que espanta e emociona, em **Oxalá**, é a forma como tanto se dá a palavra ao historiador-sociólogo (figura senatorial e de autoridade) como se ouve o ex-sem-abrigo que agora faz trabalho de inclusão social. Tanto falam os jovens como os velhos, os condutores de táxi e os músicos, os pescadores e as freiras, os gabarolas e os tímidos, os afirmativos e aqueles que só têm dúvidas. A dupla de realizadores procura e trabalha a multiplicidade de testemunhos, numa lógica de diversificação de pontos de vista que acolhe a própria variedade de perspetivas que constitui a riqueza de uma cidade cosmopolita ("em Luanda sente-se Angola. A partir de Luanda vê-se África"). São, justamente, as palavras de Cornélio Caley que dão o mote para o complexo embrincado humano que o filme procura dissecar: "Luanda é uma cidade-amostra de Angola, mas é em retalhos." **Oxalá Cresçam Pitangas** é, por isso, um filme-tecedeira que procura cerzir numa manta os retalhos de uma cidade atomizada em pequenas comunidades autónomas social, económica e culturalmente. E se os realizadores procuram dar conta dessa expressividade muito própria daquela "cidade surrealista", encontram, ao longo do filme, uma linha comum que parece unir (sem unificar) todas essas partes dissonantes, a inventividade. Esse é, talvez, o traço que define um povo: a inventividade no trabalho, na música, na família, no desporto, no roubo e no amor.

A abrir a sessão apresenta-se um videoclipe para a canção homónima de Nástio Mosquito. Produção do coletivo Geração 80 (ou seja, do trio Fradique, Ery Claver e Paula Agostinho), **Prisoner of Hope** surge como uma espécie de contraponto desiludido face à esperança frutuosa de **Oxalá**. Onde um canta o desejo de uma nova sociedade, o segundo (uma década depois) apresenta um "prisioneiro da esperança", embriagado pela luxúria do movimento – mas um movimento que não avança, condenado à não progressão, centrado na sua própria agilidade. Para esta *dança de bêbados*, ébria de uma esperança que não se cumpre, os cineastas desafiaram dois bailarinos da Companhia de Dança Contemporânea de Angola e põem em marcha uma câmara pastosa que se distende no prazer estético do arrasto visual (como arrastados são os movimentos dos corpos, bamboleantes). Em plano único inteiramente focado num homem de fato, a fazer lembrar o famoso videoclip dos Fatboy Slim com Christopher Walken (*Weapon Of Choice*), Fradique lança-nos numa centrifugadora plástica onde só sobram os corpos, maleáveis, e a rigidez monumental dos viadutos. Carne e pedra em lugar de passagem, sem nada a que se agarrar.

Ricardo Vieira Lisboa